

UMA NASCENTE DE IDEIAS QUE SE TRANSFORMOU EM CACHOEIRAS DE POSSIBILIDADES: RELATO DE EXPERIÊNCIA PARA O 18 DE MAIO

Eixo Temático 32 – Sexualidades e Gêneros na Educação das Infâncias

Alana Máximo Buscácio ¹
Maria de Fátima Ribeiro ²

Resumo

O Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, além do enorme peso simbólico devido ao caso da menina Araceli, é uma data para conscientização, reafirmando a responsabilidade que temos e devemos ter com crianças e adolescentes. Partimos da metáfora de uma “nascente de ideias que se transformou em cachoeiras de possibilidades”, para um relato de experiências com objetivo de apresentar o desenvolvimento de ações e propostas realizadas em uma cidade no interior do Sul de Minas Gerais, além dos resultados obtidos por meio da artistagem de crianças e adolescentes que se transformaram em aparatos culturais. Nossos principais aportes teóricos: Costa (2002), Ribeiro (2008) e Corazza (2002).

Palavras-chave: Violências Sexuais; Artistagem; Aparatos Culturais.

Quando tudo começou: uma nascente de ideias

Falar, discutir, refletir, analisar, questionar e ensinar questões referentes à sexualidade e gênero nas infâncias, em pleno século XXI, ainda pode ser considerado tabu. É possível notar que existem barreiras, questionamentos, apontamentos, falhas... Em contrapartida, precisamos/devemos mudar esses paradigmas e, por meio de ações, mostrar que é possível/necessário haver diálogos sobre temáticas envolvendo educação sexual que, infelizmente ainda é visto por muitas pessoas como um assunto

¹Mestra em Educação pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, ambuscacio@yahoo.com.br

²Jornalista - Especialista em Educação pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, mariatatinharibeiro@gmail.com

inapropriado, principalmente para ser abordado com crianças da Educação Infantil. Sendo assim, “avistando uma nascente de possibilidades”, a ‘Rede de Proteção’³ do município, uniu forças para desenvolver e articular ações junto às crianças, adolescentes, além de toda a comunidade durante o mês de maio, também conhecido como ‘mês laranja’⁴. O 18 de Maio é a data instituída pela Lei Federal 9.970/00 que apresentou como base o “Crime Araceli”.

Apesar do grande empenho, das parcerias e do envolvimento da maioria das pessoas do município, ainda assim, foi possível notar certa resistência e dificuldades para dialogar e conduzir ações/propostas envolvendo a temática sobre as violências sexuais de crianças e adolescentes. Por esse motivo, ao percebermos que havia uma correnteza que poderia facilmente ganhar forças e desviar a nossa rota, começamos a pensar e refletir sobre o assunto. Com isso, foram surgindo vários questionamentos: quais as parcerias devemos/precisamos (re)afirmar, fortalecer para abordar tais temáticas? Quais são as ferramentas necessárias para desenvolver ações pertinentes para cada idade? É possível manter ações/propostas de qualidade após o mês de destaque para se abordar tais questões (sexualidade(s), prevenção às violências, gênero, infâncias...)? Enfim, esses e muitos outros questionamentos foram suscitados, sendo nossa principal intenção descrever como é possível problematizar, dialogar e desenvolver ações que envolvam crianças e adolescentes em contextos que abordem as temáticas da sexualidade e prevenção às violências sexuais.

Inúmeras foram as ideias, sugestões e propostas a serem (re)produzidas durante esse período. Grupos de estudos, pesquisas sobre o assunto, criação de materiais, convites para realizar e participar de palestras, enfim, essas foram algumas das ações previamente executadas por toda equipe. Nossa principal intenção era desenvolver atividades e uma programação que corroborassem no combate as violências sexuais de crianças e adolescentes.

Sabendo da real importância de abordar assuntos envolvendo sexualidade(s), gênero(s) na educação das infâncias, além da necessidade de esclarecermos dúvidas, bem como orientar, apontando caminhos para solucionar questões adversas, a ‘Rede de Proteção’ deste município, organizou uma programação durante o ‘mês laranja’. Por ser

³ Conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais voltadas para o atendimento dos direitos de crianças e adolescentes. (SANTOS, 2011, p.224)

⁴ <https://maiolaranja.org.br> .

uma pequena cidade do interior do sul de Minas Gerais, esta experiência surgiu como uma nascente borbulhante de ideias que se transformou em cachoeiras vastas de possibilidades. Dessa maneira, justificamos a relevância deste relato de experiência, uma vez que pretendemos demonstrar, o passo a passo de todas as propostas e ações desenvolvidas e que permitiram um desague de oportunidades.

Sendo assim, nosso objetivo foi descrever o desenvolvimento e articulação para as ações destinadas ao mês de maio, também conhecido como mês laranja, além de apresentar, de maneira descritiva, as propostas e os resultados das artistagens⁵ realizadas pelas crianças e adolescentes do município que se materializaram em ‘aparatos culturais’.

Da nascente para as cachoeiras

Com intuito de produzir um conteúdo com riqueza de detalhes, durante o desenvolvimento das ações e demais propostas, utilizamos o Diário de Bordo. Além dessas observações e anotações, para a compilação de informações, foram realizados registros fotográficos e análise do material (re)produzido pelas crianças e adolescentes, dos quais iremos abordar como “aparatos culturais”. Seguem os rumos das nascentes.

Cachoeiras de possibilidades

Partindo do principal objetivo deste relato de experiência, pensando em apresentar todo o processo vivenciado durante o mês de maio, bem como os resultados das artistagens desenvolvidas com crianças e adolescentes do município de uma cidade localizada no interior do Sul de Minas Gerais, resolvemos descrever em ‘momentos’ intitulos como cachoeiras, apresentando o que e como ocorreram essas manifestações, desde o planejamento até as ações, realizando a discussão e, em seguida, apresentando os resultados.

Cachoeira dos planejamentos: representantes dos órgãos pertencentes à Rede de Proteção se reuniram para articularem estratégias que poderiam ser desenvolvidas durante o mês de maio, que abordassem questões voltadas para o enfrentamento, orientação, prevenção e articulação de temáticas envolvendo violências sexuais de

⁵ Para Sandra Corazza (2002) artistagem refere-se ao fazer artístico sem ser artista. Buscácio (2021) complementa que é toda e qualquer experimentação artística e filosófica que busca o não-pensado no pensado.

crianças e adolescentes. As principais ideias e sugestões levantadas foram: convidar ‘palestrantes de fora’, fazer uma carreata, convidar crianças e adolescentes do município a participarem de um encontro para abordar algumas questões e apresentar a Rede de Proteção do município. Enfim, com algumas das ações possíveis apresentadas e uma torrente de possibilidades descritas, chegou-se a conclusão que não sabiam qual a melhor maneira para articular as propostas e colocá-las em prática. Era possível observar certo receio, quiçá medo, em abordar o tema envolvendo as violências sexuais. Ao perceberem essa ‘barreira que estava impedindo o fluxo da água para que houvesse a formação das cachoeiras’, ou seja, depois de observar que havia uma dificuldade para efetivar as ações e, por saberem do nosso envolvimento e atuação junto ao grupo de pesquisa Relações entre Filosofia e Educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente (DED/UFLA), recebemos o convite dos representantes da Rede de Proteção do município, com intuito de auxiliar esses/as profissionais para o desenvolvimento das propostas destinadas às atividades do 18 de maio.

Várias questões surgiram: como pensaram em incluir a Educação Infantil no planejamento e execução das ações? Como orientar as crianças e adolescentes a procurarem ajuda se, em sua grande maioria, os/as profissionais da própria Rede de Proteção não estão preparados/as? Será que tem idade certa ou o foco deveria ser nas metodologias se abordar tais questões com determinadas idades? Essas ações só podem ser realizadas durante o mês de maio? É necessário findar as abordagens e orientações depois do 18 de maio?

E as cachoeiras de possibilidades começaram a aparecer e com isso apresentar resultados.

Cachoeira de potências: para a Educação Infantil, após problematizar a importância de dialogar desde sempre sobre questões que envolvam o cuidado com o corpo, as sexualidades, o respeito a si e ao outro, as interações e os limites, decidimos oportunizar a participação, por meio da confecção de flores, símbolo da campanha “Faça Bonito”, criada pelo Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, para levar até a praça central da cidade e colocá-las nos canteiros, simbolizando a importância da prevenção, do cuidado e denúncia em prol da proteção de todas as crianças e adolescentes. Além dessa primeira proposta, durante as

atividades de recreação dirigida, a professora responsável conversou com as crianças sobre a história de ‘Pipo e Fifi’⁶.

Cachoeira dos desafios: recebemos o convite para ministrar palestras durante os dias 16, 17 e 18 de maio, direcionadas às crianças e adolescentes da rede municipal (ensino fundamental I) e estadual de ensino (ensino fundamental II e ensino médio). Nesse momento, um ponto desafiador foi a fala inicial da coordenação da escola ao dizer que queriam convidar ‘palestrantes de fora’. Por qual motivo, muitas das vezes insistimos em não valorizar o que temos no município? Apesar desse primeiro pensamento e de passar por um momento desconfortável em uma das palestras, quando finalizávamos as falas, - fomos interrompidos/as por uma das diretoras alegando ser o horário de lanche das crianças e retirando todas do espaço -, vale ressaltar que os assuntos, bem como os materiais e principalmente a maneira de abordar o assunto em tela, tiveram uma repercussão bastante interessante. Para finalizar as propostas, lançamos um concurso onde o desafio era apresentar, por meio de desenho e/ou slogan, mensagem com a temática de combate às violências sexuais. Para os/as participantes vencedores/as em suas categorias, foram disponibilizadas premiações que contaram com a parceria da comunidade e empresários/as do município.

Cachoeira de ‘Manifestações’: Por meio deste concurso surgiram produções incríveis, de qualidade, potência, criatividade, envolvimento, dedicação que deram vida a artistagem dessas crianças e adolescentes. O conceito de artistagem foi criado por Sandra Corazza e se refere ao “fazer arte sem ser artista”, uma prática que busca “o não-sabido, o não-olhado, o não-pensado, o não-sentido, o não-dito” (CORAZZA, 2002, p.15). Qualquer pessoa pode exercer essa experimentação artística e filosófica. E assim foram realizadas artistagens pelas crianças e adolescentes do município que, a partir das orientações e participação das demais ações propostas, buscaram o “não-pensado do pensado” para criarem seus aparatos culturais. Mas afinal, o que são esses aparatos culturais? Segundo Costa (2002) os aparatos culturais podem ser tudo aquilo que de alguma maneira nos conte uma história. Portanto, consideramos pertinente nos apropriarmos da fala de Costa para dizer que todo o material produzido, confeccionado e disponibilizado pelas crianças e adolescentes da rede municipal de ensino, desde as flores até os desenhos e/ou slogans, se transformaram em aparatos culturais que corroboraram para a produção de saberes.

⁶ Carolina Arcari, ilustrações de Isabela Santos.

Um rio sem fim!

Os desafios foram grandiosos, mas cada percurso se fez necessário para novas descobertas, aprendizados e direções. Enfrentamos grandes correntezas, mudanças de rotas, pedras que, no percurso das águas foram contornadas, oportunidades únicas durante todo o processo. Foi possível perceber que ainda existem resistências para abordar assuntos como gênero e sexualidade, principalmente com crianças, porém durante essas vivências conseguimos mostrar, sem maiores dificuldades, que é possível e necessário esse tipo de abordagem.

Conforme mencionado anteriormente, muitos foram os questionamentos que surgiram durante o (per)curso, desde as “nascentes até o desague das/nas cachoeiras”. Em um primeiro momento falamos das parcerias; elas devem acontecer com o máximo de pessoas possíveis, realizando abordagens por meio das problematizações.

Em relação às ferramentas necessárias para desenvolver ações pertinentes a cada idade, tornou-se evidente a importância de oferecer e oportunizar as formações continuadas. “Límpidas como as águas cristalinas” foram as propostas que surgiram para que houvesse a participação ativa da Educação Infantil. Participação esta que foi de grande valia e indispensável, acreditamos que sem formação necessária não teríamos conseguido conquistar esse espaço por falta de ‘argumentos sólidos’.

Partindo dessa observação, nos deparamos também com o fato do interesse em explicar e oportunizar o conhecimento de crianças e adolescentes sobre o combate às violências sexuais nas infâncias, porém era notório o despreparo de muitos/as profissionais sobre o assunto, o que mais uma vez nos alertou, ensinou e nos fez refletir sobre a importância e necessidade de haver mais e mais formações continuadas na temática em questão, não apenas para os/as profissionais da educação, mas sim para todos e todas integrantes da Rede de Proteção.

E afinal, existe idade certa para abordar temáticas como essas (sexualidade, gênero, violências, infâncias...)? Na verdade, em reunião de avaliação a resposta tornou-se unânime: “toda idade é certa, o que precisa ser pensado e bem elaborado são as maneiras de apresentá-las, tornando apropriado para cada faixa etária”.

Em relação à valorização dos/as profissionais da cidade, foram levantadas algumas questões e chegou-se a conclusão, naquele momento de que, infelizmente, ainda existe uma ‘cultura enraizada’ de que “pessoas que são de fora, recebem maior

atenção pois aparentam saber mais”. Apesar de não concordar com essa postura, foi a deixa para mostrar o valor das formações continuadas para os/as profissionais da rede municipal.

E, em reunião de avaliação, vislumbrando a possibilidade de novas nascentes, levantamos a seguinte pauta: essas ações só podem ser realizadas durante as datas previamente estabelecidas ou podemos fazer a diferença oportunizando novas ações e orientações, não apenas sobre a temática em tela, mas pensando nos mais variados assuntos que devemos abordar durante o ano letivo? Nesse momento, vislumbramos que as águas ganharam uma força inacreditável e partindo das cachoeiras, se transformaram em rios que nos permitem embarcar em novas e grandiosas possibilidades.

REFERÊNCIAS

BUSCÁCIO, A. M.: **Cartografando Práticas Pedagógicas de Educadores/as da Educação Infantil de Lavras-MG: O deságue das artes a partir do 145º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil/** Alana Máximo Buscácio. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, 2021.

CAVALCANTE, B. L. L.; LIMA, U. T. S.: Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **J Nurs Health**, Pelotas-RS, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa-ensino: o “hífen” da ligação necessária na formação docente. **Araucárias: Revista do Mestrado em Educação. FACIPAL**, Palmas, v.1, n.1, 2002.

COSTA, M. V.: O papel dos estudos culturais na atualidade/ Marisa Vorraber Costa. **Nova América**, nº 96, dez, 2002.

MARQUESIN, Denise Filomena Bagne; FERRAGUT, Laurizete Ferragut. Narrativa como objeto de estudo: Aportes Teóricos. **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n.2, p. 219-237, 2009.

RIBEIRO, C. M.: **Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade nas redes de proteção/** org. Cláudia Maria Ribeiro, Ila Maria Silva de Souza – Lavras: Ed. UFLA, 2008.

SANTOS, B. R. dos.: **Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes/** Benedito Rodrigues dos Santos, Rita Ippolito – Seropédia, RJ: EDUR, 2011.